

A RESSURREIÇÃO EM LUCAS

Não há, não existe em nenhum dos Evangelhos a descrição de um Jesus que se ergue da morte e sai do túmulo, como em muitos lugares se tenta representar. O que encontramos nos quatro Evangelhos é apenas a verificação de que a pedra foi removida e o túmulo está vazio.

Não posso me esquecer do que disse um senhor humilde da zona rural, numa homilia (conversa) do domingo de Páscoa. Disse: “Eles de certo pensaram: A gente mata esse Jesus e se põe uma pedra em cima disso”. Só que a pedra não ficou por cima, não!”.

A pedra que fechava o túmulo representa a porta do lugar dos mortos, do ades, do sheol, da “mansão dos mortos” como dizemos no nosso credo. Aquele que foi morto e agora está vivo “tem a chave da morte e do lugar dos mortos” (Ap 1,18).

Em Lucas, as mulheres

Como nos outros três Evangelhos, em Lucas as primeiras testemunhas da vitória sobre a morte, são mulheres, aquelas cujo testemunho nada valia. E Lucas faz questão de destacar exatamente isto: não se dá valor ao testemunho das mulheres.

Ele não dá, logo de início, os nomes das mulheres, diz apenas que eram mulheres e quando se refere a algumas diz que havia também outras. Mas os discípulos homens achavam que o que elas disseram ter visto, a pedra removida, o túmulo vazio e os dois homens de roupas resplandcentes, não passava de alucinação.

Só Pedro, o chefe, o representante máximo dos Apóstolos, vai ao túmulo e verifica que está aberto e vazio e fica admirado.

Os discípulos de Emaús

O episódio mais característico do Evangelho de Lucas é o dos discípulos de Emaús. Emaús significa afastado do Povo. Desanimados, os dois se afastam de Jerusalém, símbolo da primeira comunidade cristã.

Temos aí o roteiro de uma Missa. Primeiro, a realidade: Jesus caminha incógnito com os discípulos e pergunta do que está acontecendo, faz que eles falem. Em seguida vem a Palavra de Deus: A partir de Moisés e os Profetas (era como dividiam as Escrituras) vai mostrando a coerência dos fatos com a Escritura.

Chegam. E ele entra para ficar com eles. Como é visitante, dão-lhe a prerrogativa de rezar a ação de graças e partir o pão. É o momento do agir. Só o agir arranca o véu. Ao partir o pão ele se entrega novamente à morte que tanto havia decepcionado os discípulos, mas estava nos planos de Deus segundo as Escrituras.

Aí eles o reconhecem. Não é aquele que fala só, ele faz. Diziam que estava escurecendo e que caía a noite. Que noite? Agora estão em pleno dia, voltam imediatamente para Jerusalém, para a comunidade. Aí aparece novamente a figura de Pedro. A ele o Senhor apareceu. Os Apóstolos é que, segundo Lucas, são as testemunhas autênticas da ressurreição.

Aparição a todos e Ascensão

Comentavam ainda os últimos acontecimentos, quando O Senhor lhes aparece novamente. Falavam, mas ainda não acreditavam, pensavam que era uma alma do outro mundo, um fantasma, uma assombração. Jesus precisa comer alguma coisa diante deles para que eles se tranquilizem.

Mais uma vez é preciso mostrar que a humilhação da cruz é o caminho de Deus, não se chega à vida sem passar pela morte. O Cristo ou Messias é o vencedor da morte, mas para vencê-la é preciso passar por ela. Só a cruz liberta a humanidade do pecado, que é a cobiça, e da morte, sua principal consequência.

Essa a mensagem que os discípulos todos devem levar ao mundo, como testemunhas que viram, creram e adotaram. O Papa Francisco relembra essa mensagem quando faz e fala em Igreja pobre a serviço dos pobres.

Jesus em seguida é elevado para estar “à direita do Pai” enquanto que aos discípulos fica a tarefa de levar à humanidade toda a sua mensagem. A Ascensão acontece em Betânia, de onde Jesus partiu para a entrada triunfal em Jerusalém. Daí os discípulos entram também na cidade e vão para o Templo, lugar onde teve início este Evangelho.

Não importa que o mesmo autor, no livro dos Atos dos Apóstolos, coloque o episódio da Ascensão quarenta dias depois e com detalhes bem diferentes. Isso mostra que ele não está interessado na exatidão dos fatos, mas no significado que eles podem ter. O que importa é o que dizem as diferentes versões.

José Luiz Gonzaga do Prado